

Estudos

Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-790-1 DOI 10.22533/at.ed.901192111</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NOTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SAÚDE PÚBLICA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITO	
Izadora Ribeiro Silva Costa Lina Maria Brandão de Aras	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111	
CAPÍTULO 2	13
O CORPO E O GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE	
Murilena Pinheiro de Almeida Marco Antonio Leandro Barzano Cleyde Oliveira de Castro Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cenair Felini Soares	
DOI 10.22533/at.ed.9011921112	
CAPÍTULO 3	28
O SILENCIAMENTO DA DOR: FEMINICÍDIO NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2015 A 2018	
Fadja Mariana Fróes Rodrigues Tânia Rocha Andrade Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.9011921113	
CAPÍTULO 4	40
OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A INSTITUIÇÃO DE POLÍTICAS PARA MULHERES: UMA RELAÇÃO VISCERAL	
Maria Flávia Andrade Araújo Lisboa Tainá Rocha dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9011921115	
CAPÍTULO 5	52
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL: UM DEBATE SOBRE A INTERSETORIALIDADE DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL	
Rosária de Fátima de Sá Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9011921116	
CAPÍTULO 6	64
POR UMA DRAMATURGIA FEMINISTA: JORNADAS DE F(R)ICÇÃO	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.9011921117	
CAPÍTULO 7	74
PARTEIRAS E DOULAS BRASILEIRAS: AUTONOMIA E ARTICULAÇÕES FEMINISTAS EM REDE	
Danielle Andrade Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9011921118	

CAPÍTULO 8 87

OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO USO ABUSIVO DO ÁLCOOL E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DE MULHERES ADULTAS

Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Alexandra Soares dos Santos
José Euclimar Xavier de Menezes
Marcos Moura Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.9011921119

CAPÍTULO 9 96

RELAÇÕES DE GÊNERO E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO EM RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS: NEGOCIAÇÕES, LIMITES E O PROTAGONISMO FEMININO

Suzianne Jackeline Gomes dos Santos
Mary Alves Mendes

DOI 10.22533/at.ed.9011921110

CAPÍTULO 10 108

REPERCUSSÕES HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Renato Santos de Oliveira
Ingrid de Souza Silva
Tatiane Pina Santos Linhares
Tatiana Tarrão dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.9011921111

CAPÍTULO 11 119

“SOMOS HUMANOS NA RUA”: USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ATENDIDOS PELO PROJETO PONTO DE CIDADANIA

Alexandra Soares dos Santos
Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Sueli Jesus Santana
Mônica Coutinho Cerqueira Lima

DOI 10.22533/at.ed.9011921112

CAPÍTULO 12 127

SEGREGAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ANOS DE 2002 E 2014

Débora Juliene Pereira Lima
Ana Márcia Rodrigues da Silva
Edna Raimunda Teodoro

DOI 10.22533/at.ed.9011921113

CAPÍTULO 13 138

TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE

Silvia Raquel de Souza Pantoja
Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza

DOI 10.22533/at.ed.9011921114

CAPÍTULO 14	148
TRABALHO, POLÍTICA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA E O RESGATE DO FEMINISMO	
Fernanda Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.90119211115	
CAPÍTULO 15	158
TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS(OS) EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE: NORMATIVAS BRASILEIRAS	
Gabriela Bothrel Echeveria	
Vivianny Kelly Galvão	
Verônica Teixeira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.90119211116	
CAPÍTULO 16	169
VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: GINGANDO NUMA RODA MULTIRREFERENCIAL COM CAROLINA DE JESUS, INAICYRA FALCÃO E ELZA SOARES	
Régia Mabel da Silva Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.90119211117	
CAPÍTULO 17	178
UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTIRRACISTA	
Lais Alves Porto	
DOI 10.22533/at.ed.90119211118	
CAPÍTULO 18	184
MULHERES NA LUTA POR PARTICIPAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA EXPERIÊNCIA RECENTE EM NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (SE)	
Itanamara Guedes Cavalcante	
Maria do Carmo Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111819	
CAPÍTULO 19	196
SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER: DESAFIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Divanise Suruagy Correia	
João Klínio Cavalcante	
Laura Marques Angelo Neto	
Maria das Graças Monte Mello Taveira	
Viviane Maria Cavalcante Tavares	
Sandra Lopes Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111820	
SOBRE A ORGANIZADORA	207
ÍNDICE REMISSIVO	208

“SOMOS HUMANOS NA RUA”: USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ATENDIDOS PELO PROJETO PONTO DE CIDADANIA

Alexandra Soares dos Santos

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia
Salvador – BA

Ana Paula Almeida dos Santos

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia
Salvador – BA

Rafael Antonio Oiticica de Miranda

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia
Salvador – BA

Sueli Jesus Santana

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia
Salvador – BA

Mônica Coutinho Cerqueira Lima

Faculdade Social da Bahia, Curso de Psicologia
Salvador – BA

RESUMO: A conjuntura da população em situação de rua no Brasil é bastante precária. O problema maior vivenciado por esses grupos é a vulnerabilidade social a qual ficam expostos diariamente, minimizada com a instalação de abrigos e programas implementados pelas Políticas Públicas. O projeto *Ponto de Cidadania* constituiu-se um desses dispositivos que, em parcerias com universidades, oferecia aos graduandos a possibilidade de atuação em suas unidades, e a construção de conhecimentos e de novas tecnologias psicossociais para lidar com uma questão tão complexa e ainda sem

respostas efetivas, no sentido da produção de novos direcionamentos de vida, com cidadania, para essa parcela da população. O objetivo deste artigo é sistematizar a experiência realizada por um grupo de estudantes de Psicologia na disciplina Práticas Integrativas II, da Faculdade Social da Bahia. Trata-se de um relato de intervenção no projeto Ponto de Cidadania, unidade Pela Porco, que partiu da análise das representações sociais das pessoas usuárias de Substâncias Psicoativas atendidas pelo citado projeto, para implementar ações relacionadas a saúde, autocuidado e autoestima. A metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva e exploratória, com a ida ao local e posteriormente aplicação de oficinas. A experiência levou os estagiários à constatação de que a baixa autoestima da população em situação de rua está relacionada aos estigmas sociais pelos quais são culturalmente identificados. E viabilizou a reflexão sobre a contribuição da/o psicóloga/o para tornar a vida desses moradores mais humanizada numa sociedade tão excludente.

PALAVRAS-CHAVE: População em situação de rua; Representação Social; Projeto Ponto de Cidadania; Exclusão Social; Vulnerabilidade.

“WE ARE HUMAN ON THE STREET”: USERS OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS SERVED BY PROJECT PONTO DE CIDADANIA

ABSTRACT: The situation of the population in street situation in Brazil is precarious. The biggest problem experienced by these groups is the social vulnerability which are exposed daily, minimized by the installation of shelters and programs implemented by the Public Policy. The *Ponto de Cidadania* project constitutes one of these devices, in partnership with universities, offers graduating students the possibility of work in their units, and the construction of knowledge and new psychosocial technologies to deal with such a complex issue and still unanswered effective in the sense of the production of new directions of life, citizenship, for this population. The purpose of this article is to systematize the experience held by a group of psychology students in the discipline Integrative Practices II, the Faculdade Social da Bahia. This is an intervention project report on *Ponto de Cidadania* unit Pela Porco, which started from the analysis of social representations of people of Psychoactive Substances users assisted by that project, to implement actions related to health, self-care and self-esteem. The methodology used was a descriptive and exploratory research, with the trip to the site and later application workshops. The experience led the trainees to the realization that low self-esteem of the population living on the street is related to social stigmas for which they are culturally identified. And it allowed the reflection on the psychologist helping to make the lives of these more humane residents in a society so exclusive.

KEYWORDS: People on the streets; Social representation; Projeto Ponto de Cidadania; Social exclusion; Vulnerability.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo relata uma experiência de estágio de intervenção com moradores em situação de rua, atendidos pelo projeto Ponto de Cidadania (PC). Tal experiência foi realizada por um grupo de acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade Social da Bahia (FSBA) na disciplina Práticas integrativas II, componente curricular que consiste em produção e execução de projeto de intervenção sobre um tema previamente investigado.

A prática foi norteada pela adoção de conceitos básicos que fundamentaram as atividades propostas, tais como população em situação de rua (COSTA; RENUCO, 2005), representações sociais (MOSCOVICI; NEMETH, 1974), exclusão (WANDERLEY, 2001) e autoestima (MAIA, 2005). E pretendeu verificar como os usuários do projeto lidam e se expressam, mediante as atividades desenvolvidas em seu espaço. O local de realização foi no projeto *Ponto de Cidadania*, unidade Pela Porco, na cidade de Salvador-BA, espaço que pretende responder a necessidade premente de melhoria das condições de vida das pessoas em situação de rua, via de regra usuárias de substâncias psicoativas. A intervenção intencionou enfatizar a política de autocuidado desses usuários, como possibilidade de inclusão social

e ruptura com os estigmas históricos e socialmente construídos. Para alcançar tal objetivo, foram realizadas oficinas relacionadas a saúde, autocuidado e autoestima, com a participação de profissionais voluntários.

Ao chegarem ao espaço do projeto PC, a equipe de estudantes experimentou situações diversas que retratam a dinâmica dos moradores em situação de rua daquela região. Essa vivência resultou na reflexão sobre os estigmas sociais pelos quais a população em questão é culturalmente identificada. E mostrou a necessidade de uma formação e atuação mais crítica e consciente, por parte dos profissionais de Psicologia, de modo a garantir o atendimento mais humanizado – o que representa um desafio no contexto de uma sociedade tão excludente.

O objetivo desse artigo é apresentar a sistematização dessa experiência, enfatizando a busca de estratégias para compreender a realidade analisada e intervir de forma significativa nas interações sociais desses “invisíveis” da sociedade, através de ações de autocuidado, dispositivos de apreciação de si, poder pessoal e mais conforto nas interações sociais.

Como o trabalho não encerrou com a intervenção no *Ponto de Cidadania*, serão brevemente comentadas outras pesquisas científicas e de extensão, realizadas em contextos semelhantes ou sobre a mesma temática, que fortalecem a necessidade de os profissionais de Psicologia terem um olhar sensível à população em situação de rua, bem como implementarem práticas que possibilitem a inclusão social da população em situação de rua, e ruptura com os estigmas históricos e socialmente construídos.

2 | POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A conjuntura dos moradores em situação de rua no Brasil é bastante precária. O maior problema enfrentado por eles é a vulnerabilidade social a qual ficam expostos diariamente, e que não se alcança um término e sim, talvez, certa diminuição, com abrigos e programas implementados pelas Políticas Públicas. Isso traz como consequência a exclusão social que os empurra para as periferias da sociedade, transformando-os em invisíveis para a população em geral. Além disso, poucos conseguem qualquer tipo de auxílio, como saúde, educação, emprego, e as políticas públicas destinadas a essa população não conseguem atingir a todos.

De acordo com o Censo do Sistema Único de Assistência Social (Censo Suas) de 2016, estima-se que cerca de 102 mil pessoas estão em situação de rua, estudo esse que considerou os dados disponibilizados por 1.924 municípios. Os especialistas envolvidos dizem que esse número tende a aumentar, ainda mais após as reformas trabalhista e da previdência. Junta-se a isso o fato de não se ter um programa de contagem e classificação dessa população, tornando difícil a elaboração e implementação de medidas que os devolvam à plena cidadania.

Historicamente a população em situação de rua foi desconsiderada e

abandonada por toda a sociedade. No entanto, enquanto cidadão brasileiro, cada indivíduo que compõe esse grupo tem estabelecidos seus direitos e deveres, como consta na *Constituição Federal de 1988*, independente de sua cor, raça, religião ou condição social e econômica. A Constituição em seu Artigo 5º, por exemplo, diz que todos somos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, não podendo ser violado o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Logo, esse grupo tem total direito em acessar cada um desses fatores “assegurados” por lei (BRASIL, 2010).

Foi também a partir de 1988, com a *Lei Orgânica de Assistência Social*, que o Estado passou a assumir seu compromisso de manter políticas públicas de atenção à população de rua. Contudo, somente em 2009 é que foi dado um passo de maior relevância e efetividade, com a *Política Nacional para a População em Situação de Rua*, instituída pelo Decreto lei 7.053 (BRASIL, 2009), que determina reconhecimento e concretização dos direitos individuais e sociais da população em situação de rua, constituindo uma conquista, principalmente, dos movimentos sociais em defesa dessa população. Mesmo assim, o que ainda se percebe nos últimos anos é a cultura de segregação, preconceito e violência à população de rua. A figura do “mendigo” permeia no imaginário das pessoas. E a representação social difundida é aquela de pessoas preguiçosas, alcoólatras e marginais e que estão nas ruas porque querem “coisas fáceis” (BRASIL, 2010). A mesma ideia recai sobre os usuários de drogas lícitas e ilícitas, o que faz serem enxergados como “marginais” que não possuem nenhum entendimento da situação deles mesmos e de sua relação com nossa sociedade – quase que “não humanos”.

3 | CONCEITOS NORTEADORES DA INTERVENÇÃO

Como a temática aqui exposta trata da atenção às pessoas em situação de rua, foi necessária a adoção de alguns conceitos básicos que fundamentaram a elaboração do projeto, bem como a etapa de intervenção que aqui será sistematizada. Nesse aspecto, entendemos população em situação de rua conforme denominada pelo Ministério do Desenvolvimento Social (COSTA; RENUCO, 2005) e por estudiosos desse fenômeno. A saber, é um grupo populacional heterogêneo, mas que compartilha de características comuns, como a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular.

Dentro do grupo populacional analisado, fez-se um recorte dos usuários de álcool e outras drogas, com a intenção de observar a relação entre a representação social deles e o nível de autoestima por eles apresentado. Para isso, tomou-se por base a concepção de Representações Sociais segundo Moscovici e Nemeth (1974, p. 48 *apud* ARRUDA, 2002) que as define como conjuntos dinâmicos de

comportamentos e relações com o meio; ação que modifica uns e outros, a partir de uma lógica própria e uma linguagem particular. Em suma, são ciências coletivas, destinadas à interpretação e à construção da realidade.

Tratar sobre usuários de drogas é considerar sua realidade histórica, enquanto grupo minoritário e visto com inúmeras formas de pré-conceitos, dentro de todos os segmentos da sociedade, sendo em diversos aspectos colocados em posição de inferioridade. Sua representação, portanto, é decorrente da exclusão social a que é submetido. Em vista disso, vale ressaltar a concepção de Wanderley (2001) sobre exclusão segundo o qual, na contemporaneidade, mostra-se diferente das formas anteriormente existentes, uma vez que cria indivíduos desnecessários à sociedade produtiva, renegados ao status de descartáveis e impossibilitados de inserção.

O perfil predominante dos moradores de rua é de homens, entretanto, existem também mulheres que se encontram nesta situação, e por conta do preconceito, da exclusão social e da desvalorização que este sexo sofre, elas são obrigadas a criarem estratégias próprias de sobrevivência para conviverem com os empecilhos e adversidades que são encontrados nas ruas, que vão desde o próprio estigma do sexo na sociedade em si ou na rua, até a maioria das mulheres serem usadas como “moeda de troca” entre eles próprios ser considerado “normal”.

Todas essas situações levam a população em geral a atribuir rótulos às pessoas em situação de rua, tais como loucas, sujas, perigosas, coitadas, vagabundas – estigmas esses que colaboram para que seja ratificado o descaso com essa população. Entende-se estigma, segundo explicitado na cartilha do CFP (2002), *Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*, que diz ser um atributo depreciativo, que designa uma pessoa como anormal, por ela apresentar uma característica de ordem física, psicológica (caráter), social (raça, religião) diferente do grupo estabelecido.

Serem visto como um lixo da sociedade, estar à margem do convívio social é uma realidade vivenciada pela população em situação de rua (PSR). O fato de não serem percebidos e estarem sempre associados a enfermidades como, alcoolismo, tuberculose, HIV, dependência química, fazem acelerar o processo de exclusão dessa dada população que vive em acentuada miséria e inutilidade social. Faz-se necessário fazer uma avaliação profunda das características, histórias, valores, saúde física e mental, táticas de sobrevivência entre outras condições que fundamentem a compreensão dos motivos que levaram essa população a procurar na rua seu refúgio (VARANDA; ADORNO, 2004).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na proposta desenvolvida, compreendeu-se que a política de autocuidado/ autoestima elevada pode ser um instrumento efetivo na ruptura com esse universo

simbólico perverso que acomete as pessoas em situação de rua. Em conformidade com Maia (2005), entende-se a autoestima como a opinião positiva sobre si, que envolve valor ou sentimento que se tem de si mesmo, expresso em amor próprio, somado a todos os outros comportamentos e pensamentos que demonstrem autoconfiança, segurança nas relações e interações com outras pessoas e com o mundo.

É importante também refletir sobre a população em situação de rua diante da atual conjuntura social e política. Sobre isso, o artigo de Silva (2013) aborda o momento da chegada de dois mega eventos ocorridos na Cidade do Rio de Janeiro, situação na qual esses moradores se viram obrigados de forma arbitrária a serem transferidos para outros locais. Um problema social numa sociedade capitalista sendo praticado à revelia, sem o consentimento prévio dessa população, atitude essa tão contestada pelos movimentos sociais há décadas no país. E isso é somente um exemplo do que acontece quando nas grandes cidades se quer esconder as misérias sociais, contradizendo as práticas das Políticas Públicas voltadas a esse grupo e também a própria Constituição Federal.

A representação social culturalmente associada à população em situação de rua é reforçada nos meios de comunicação midiáticos, invisibilizando alguns aspectos da sua realidade, ao mesmo tempo em que ressalta os estereótipos socialmente predominantes. É preciso pensar que “Ao pautar uma matéria, a mídia, ao mesmo tempo em que apresenta e representa determinados acontecimentos, mediados por sua versão dos fatos, estão silenciando outros” (PORTO, 2009, p. 17 *apud* OLIVEIRA; FEITOSA, 2016). Já é de conhecimento de todos que a população em situação de rua tem sido estigmatizada e violentada socialmente de diferentes maneiras. Romper com estas concepções é necessário e urgente; denunciá-las é um compromisso ético-político da Psicologia, para potencializar sujeitos de direitos, ainda que afiliados à rua.

Outras pesquisas enfocam os aparelhos das Políticas Públicas voltadas a essa população. Dentre eles estão Engstrom e Teixeira (2016), que tratam das diretrizes da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), que reconheceu em 2011, frente à heterogeneidade brasileira, a necessidade de um leque maior de modelagens de equipes de atenção básica, dentre essas, as para essa população. Dessa forma, houve nesse ano a normatização das equipes de Consultório na Rua (eCnaR) com modelo de Atenção Primária à Saúde flexível às diversas realidades do país, que tiveram como referências as Unidades Básicas de Saúde/SUS. A eCnaR deve configurar-se, assim, como a principal porta de entrada dessa população para a rede de serviços e deve atuar integrada à Rede de Atenção à Saúde (RAS), assim como a outras redes intersetoriais. A proposta é desenvolver ações de saúde individuais e coletivas, promoção e proteção da saúde, prevenção de agravos, diagnóstico, tratamento, reabilitação, redução de danos e manutenção da saúde, considerando o contexto de vida da população. Essas equipes são formadas por várias categorias

profissionais, como Enfermeiro; Psicólogo; Assistente Social, Terapeuta Ocupacional, Médico, Agente Social, Técnico ou Auxiliar de Enfermagem e Técnico em Saúde Bucal dando um caráter interdisciplinar à atuação. Configura-se, portanto, em mais um campo de trabalho para o psicólogo que se interessar em atender a população em situação de rua.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ângela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gêneros. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, novembro de 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

BRASIL. **Decreto n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Política Nacional para a População em Situação de Rua**. Brasília, DF: Ministério da Casa Civil, 2009.

BRASIL. **Conhecer para lutar**: Cartilha para formação política. Cartilha de Formação do Movimento Nacional da População de Rua. Movimento Nacional da população de Rua. Outubro de 2010. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/MNPR_Cartilha_Direitos_Conhecer_para_lutar.pdf>. Acesso em: 16 set. 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Adolescência e psicologia**: concepções, práticas e reflexões críticas / Coordenação Maria de Lourdes Jeffery Contini; organização Sílvia Helena Koller. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 010, de 21 de julho de 2005**. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia-1.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

COSTA, Ana Paula Motta; RENUCO, Adelina Baroni. **População em Situação de Rua**. Relatório de Consultoria, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Brasília-DF, abril de 2005.

ENGSTROM, Elyne Montenegro; TEIXEIRA, Mirna Barros. Equipe “Consultório na Rua” de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil: práticas de cuidado e promoção da saúde em um território vulnerável. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1839-1848, June 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000601839&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo : Atlas, 2003.

MAIA, Enrique. **Mas, o que é auto-estima?** Publicado em 7/4, 2005. Disponível: <www.impaonline.com.br/Artigos/voce/auto-estima.htm>. Acesso em: 02 abr. 2016.

OLIVEIRA, Francisco José; FEITOSA, Maria Zelfa de Souza. Representações Sociais e População em Situação De Rua: A Visibilidade Construída Pela Mídia. **Revista FSA**, Teresina, v. 13, n. 2, art. 12, p. 226-243, mar./abr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12819/2016.13.2.12>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

SILVA, Sonia Ambrozino da. População em situação de rua no Rio de Janeiro: novos tempos, velhos métodos. **Psicologia Política**. v. 13, n. 27, p. 337-350. Maio – Ago. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a09.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

VARANDA, Walter; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 56-69, Apr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_

arttext&pid=S0104-12902004000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2019.

WANDERLEY, Mariângela B. Exclusão Social. In: **Artimanhas da exclusão**. 2001. Disponível em: <<https://blogpsicologiablog.files.wordpress.com/2011/09/as-artimanhas-da-exclusc3a3o-sawaia-org.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alcoolismo 6, 87, 88, 89, 93, 94, 123

Anti-racismo 178

Atenção à saúde 7, 10, 124, 178, 179, 180, 181, 182, 197, 198, 200, 205

Autobiografia 64, 65

C

Cárcere 158, 160, 162, 163, 164, 166

Carolina de Jesus 144, 169, 170, 171, 172, 176

Ciberativismo 74, 77, 85

Corpo Humano 13, 14, 15, 16, 19, 25, 26

Currículo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 79

D

Diversidade 25, 98, 104, 108, 113, 115, 118, 143, 170, 173, 179, 184, 185, 190

Dramaturgia de F(r)icção 64

E

Educação 1, 3, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 37, 45, 50, 51, 58, 61, 90, 94, 112, 117, 118, 121, 134, 136, 138, 143, 144, 149, 165, 167, 172, 173, 177, 192, 200, 205, 206, 207

Elza Soares 169, 170, 174, 176

Ensino de Ciências 13, 14, 16, 19, 24, 25, 26

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 152, 153, 205, 206

Escola primária 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 25, 26

Estado da Bahia 28, 30, 33, 35, 37, 38, 108, 112

Estratégias negras de resistência 169, 175

Exclusão social 116, 119, 121, 123, 126, 161

Extensão universitária 196, 199

F

Fatores psicossociais 87, 88, 89

Feminicídio 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 190

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 74, 85, 89, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 139, 146, 148, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161,

163, 164, 167, 170, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 206

I

Inacyra Falcão 169, 170, 172, 176

L

Laqueadura 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105

Legislação 28, 30, 38, 49, 55, 57, 82, 129, 158, 163, 166

Lutas 41, 43, 50, 55, 68, 142, 149, 173, 184, 187, 194, 198

M

Memória 26, 50, 138, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 161

Mercado de trabalho 4, 18, 46, 48, 88, 127, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 149, 180, 183, 188

Movimentos feministas 40, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 55, 97, 154, 190

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 68, 72, 76, 77, 78, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 98, 100, 102, 103, 116, 129, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 166, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 114, 116, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 171, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206

Museologia 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Museu 13, 16, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

N

Normativas 79, 117, 158, 164, 165, 166, 167

P

Parteiras e doulas brasileiras 74

Participação 31, 48, 49, 55, 68, 79, 85, 100, 105, 121, 129, 133, 134, 136, 149, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 198, 202, 203

Performance 64, 65, 66, 69, 70, 72, 88, 176

Política 5, 6, 7, 8, 10, 20, 21, 27, 29, 43, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 66, 74, 79, 88, 89, 109, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 139, 143, 148, 149, 154, 155, 156, 160, 165, 166, 171, 172, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 205

Políticas para as mulheres 11, 40

Políticas públicas 30, 33, 37, 38, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 119, 121, 122, 124, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 199

População em situação de rua 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125

População “T” 158

Projeto ponto de cidadania 119, 120

Psicologia 87, 89, 93, 108, 109, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 200, 206

R

Redes sociais digitais 74

Relações de gênero 3, 4, 9, 11, 38, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 60, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 137, 180, 204

Representação social 13, 23, 89, 92, 119, 122, 124, 144

Reprodução 42, 52, 54, 55, 56, 96, 97, 103, 104, 106, 107, 197

S

Saúde 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 23, 25, 27, 55, 75, 76, 79, 82, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 134, 163, 165, 168, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206

Saúde da família 8, 112, 193, 196, 198, 200, 205, 206

Saúde da mulher 2, 3, 7, 184, 196, 197, 198, 200, 201, 205

Saúde integral 181, 196, 200

Segregação 45, 114, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137

Sexualidade 4, 15, 20, 31, 36, 75, 97, 100, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 139, 146, 149, 155, 157, 196, 200, 201, 203, 207

Sindicalismo 148, 156

T

Trabalho 2, 4, 5, 6, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 72, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 92, 93, 96, 99, 103, 104, 107, 108, 111, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 188, 191, 193, 196, 198, 199, 202, 205, 206

V

Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 75, 87, 90, 91, 93, 95, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 122, 155, 158, 159, 160, 161, 167, 175, 181, 183, 184, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206

Vulnerabilidade 4, 119, 121, 161, 164, 168, 193